

6

Pensão custa caro

No conto “Com ou sem pensão”, verificamos a dissolução da imagem idealizada da vida europeia e a forma como Manuel Rui aborda a questão racial. O texto trata de um episódio da vida do personagem Armando Bernardo, estudante que procurava em Lisboa um quarto para alugar dentro de sua escassa possibilidade financeira.

O mito que o homem de cor vai, em África, construindo sobre a vida europeia, desmonta-se, destrói-se à medida que o indivíduo entra em contato direto e real com a sociedade metropolitana. Também aqui o fecho da história, dado num corte imprevisto, desnuda conceitos de natureza racial que afigurando-se inofensivos atingem o outro, frontalmente. E porque procedem de uma inocência, que é feia e má ignorância, a ironia do narrador não faz mais do que transformá-la em ofensa.¹⁰²

Segundo Manuel Ferreira, a ironia neste conto consiste na maneira como o narrador transforma a ignorância demonstrada por personagens lisboetas, através de comentários cotidianos, numa crítica, uma espécie de sátira social, abordando o preconceito racial que persiste naquela sociedade. Notamos que neste conto o autor recorreu aos estereótipos e preconceitos baseados no discurso colonialista para manter o violento equilíbrio.¹⁰³

A descrição da vida em Lisboa também contribui para a dissolução da imagem superior da metrópole. O discurso do narrador acentua os pontos negativos e, aos poucos, com fatos relacionados ao dia-a-dia da cidade e aos seus habitantes, apresenta um ambiente bem diferente do que avaliam os colonizados. Como, por exemplo, quando é explorada a expectativa de Armando na chegada a Lisboa: “trazia os bolsos a abarrotar de expectativas que todo o pequeno-burguês negro de Luanda acalentava. Em Lisboa ‘é que não havia pai’. Lá um gajo era tratado como senhor, mais que um branco!”¹⁰⁴

¹⁰² FERREIRA, Manuel. Op. cit., p. 10.

¹⁰³ MUNANGA, Kabengele. *Negritude usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986, p.12.

¹⁰⁴ RUI, Manuel. “Com ou sem pensão”. In: ---. *Regresso Adiado* (contos). 2ª ed. Lisboa/Luanda: Edições 70, 1977, p. 69.

Da colônia, Armando Bernardo trouxe uma idéia fixa: “regressar a Luanda com o curso, uma espécie de vingança, de afirmação de quem pode ser onde nunca se era”¹⁰⁵, inserindo a idéia da superioridade do colonizador e da assimilação cultural como um eficaz meio de ascensão social.

Com pouco dinheiro, Bernardo sabia que não poderia gozar, como seus colegas, as delícias de Lisboa. Ele tinha consciência de que deveria optar por apenas um caminho, renunciando ao outro. Em outras palavras, sabia que tinha de escolher entre aproveitar os prazeres mundanos que Lisboa possibilitava, ou fazer o seu curso e voltar a Angola como alguém superior – hipótese que incluía a solidão enquanto estivesse na cidade:

Pouco demorou em meditação e pesagem. Preferia, a longo prazo, enfrentar em Angola, com um certo sadismo, o ódio e o despeito ao seu canudo a gozar a compra dos salamaleques lisboetas. E as histórias circuladas em Luanda de angolanos inteligentes e depositários de esperanças que se perdiam em Lisboa, desenraizados e com vergonha de um regresso sem ‘dê érre’(...) ¹⁰⁶

Armando tinha conhecimento de que as esperanças e projetos se perdiam com facilidade em Lisboa e sabia, alertado pelo pai, que aquela cidade apresentava dois grandes perigos para um angolano: “as mulheres e a política” ¹⁰⁷. O conselho do pai o ajudou a procurar uma maneira de vencer as tentações de Lisboa. Assim, a transferência para Coimbra apresentava-se como a solução dos seus problemas.

Porém, o destino não havia de livrá-lo tão facilmente das seduções, apresentando-lhe uma incoerência como consequência dessa decisão:

(...) o azar havia de lhe bater à porta. Ele que fugira do perigo das mulheres. O azar e a sorte. O azar de se ver obrigado a interromper o curso durante seis longos meses, perdendo o ano por faltas, perdendo a bolsa de estudos. A sorte de saborear até às vísceras uma dimensão nova das pessoas e das coisas. ¹⁰⁸

De nada adiantou trocar de cidade. Bernardo acabou cedendo às tentações. O estudante perdeu o ano e teve de voltar a Lisboa e, no ano seguinte, a paragem forçada em maio deu-lhe o tempo necessário para refletir sobre o motivo de o pai

¹⁰⁵ Ibid. p. 71.

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷ Ibid.

¹⁰⁸ Ibid.

comparar política e mulheres, comentário que constitui uma crítica à política, articulada ao texto sob o manto da fina ironia, denunciando, dessa forma, até onde os homens eram capazes de chegar em nome da política e o quanto ela poderia ser degradante:

Porque é que o pai, ao referir os perigos de Lisboa, situava política ao lado de mulheres? Agora compreendia. No espírito do pai, amarrado ao “tem de ser”, no espírito de outros funcionários da fazenda, no espírito de tantos, política era também prostituição, porque gastava os homens e, aos olhos da moral vigente, degradava também.¹⁰⁹

A esta altura do conto, o personagem depara-se com outro dilema: “sem a bolsa de estudos, só empregado poderia continuar. E em Coimbra era quase impossível arranjar qualquer colocação. Lisboa era a única chance.”¹¹⁰. Justamente Lisboa, que anteriormente se assemelhava ao território da perdição, nesse momento, era sua única saída:

Numa agência de publicidade, através do expediente bricabraquiano dos anúncios, descobriu um part-time, e transferiu-se como aluno voluntário para ver Lisboa sob outro céu. Desnudada, sem roupagens, saboreando com racional prazer a diferença que dois anos, apenas, haviam germinado. Dois anos antes, Armando sentia-se orgulhoso, ele que em Luanda integrava uma classe de pretos bem vestidos, falando bom português, recebendo por isso o apodo de calcinhas; sentia-se orgulhoso quando, nos cafés e nos clubes noturnos, lhe perguntavam se jogava futebol e vinha para o Benfica. Só uma ou outra vez lhe perguntaram se era estudante. E nutria uma espécie de simpatia eufórica quando os miúdos apontavam para ele e exclamavam “olha um preto”, interrogando-se sem desgosto ou rancor pelo tratamento que lhe davam: o meio caminho entre o homem e o animal de luxo, acinzentado pelo inocente exotismo.¹¹¹

No trecho acima, nota-se o indício da forma como, algumas vezes, um negro era visto em Lisboa e de como Bernardo se sentia em relação a isso. Portava-se como se não ficasse incomodado com os comentários preconceituosos a que era submetido, mas não os deixava de perceber e questionar-se, indicativo de que tinha conhecimento do preconceito que já estava enraizado naquela sociedade.

Segundo Albert Memmi, o colonizado era visto como objeto, pois apenas suas funções eram levadas em consideração pelo colonizador:

¹⁰⁹ Ibid. , p. 72.

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ Ibid. p. 72-73.

Nota-se a extraordinária eficácia dessa operação. Que importante dever temos em relação a um animal ou a uma coisa, com que se parece cada vez mais o colonizado? Compreende-se então que o colonizador possa permitir-se atitudes, julgamentos tão escandalosos.¹¹²

Essa denúncia do preconceito destaca certo exotismo conferido aos negros, que eram colocados entre “o homem e o animal de luxo”¹¹³, aspecto exótico que representa, neste caso, o diferencial sob um ângulo negativo, degradante, ponto que ganha mais destaque no trecho em que o narrador afirma que Armando Bernardo resolveu levar a sério a decisão de formar-se, jurando não mais se deixar levar mais pelas companhias boêmias:

(...) E jurava não mais estacionar no Rossio, picadeiro de chulice, de conterrâneos descambados para o vício, exibindo à porta dos cafés poses de machice negra engravatada com sotaque alfacinha, esperando telefonemas de ricas trintonas que, instigadas por idéias made in América, compravam a preço de ouro a experiência da mítica exuberância sexual dos negros (...) ¹¹⁴

Nesse comentário, observa-se que os negros eram vistos também como objetos, e não apenas como amuletos de sorte, visão apresentada posteriormente. Os negros também eram vistos como objetos sexuais que satisfaziam a curiosidade criada em torno de sua exuberância sexual, que alguns conterrâneos de Armando aceitavam e se submetiam a satisfazer em troca de dinheiro.

Agora Lisboa virara. Igual para todos, na fisionomia veloz, na vestimenta de domingo. Mas diferente para Armando Bernardo, pecando por exagero, descortinando em tudo motivos para desconfiança. Porque agora, em seu entender, as pessoas iam tendo conhecimento de como se vivia em África (...) ¹¹⁵.

Agora, um pouco mais exigente, Armando Bernardo, iludido com a idéia dos lisboetas estarem um pouco mais conscientes da situação em Angola, e, com isso, abdicarem do preconceito racial, via Lisboa de outra maneira. Sua desconfiança levou-o a observar essa sociedade sob outro ângulo, fez com que

¹¹² MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed: Paz e Terra, 1977, p. 82.

¹¹³ Ibid., p.110.

¹¹⁴ Ibid. p. 73

¹¹⁵ Ibid.

visse a cidade sem aquela aparência superior que o colonialismo impôs, que tivesse prazer em sentir-se superior a um branco:

De uma coisa não se libertara ainda em Lisboa: dar esmolas, caridade que jamais praticara em Luanda. Lá os pobres eram mesmo pobres e habituavam à própria desgraça, tal o número, tal a miséria. Distinguiam-se pelos tês. Em Lisboa, não. Em Lisboa eram brancos que pediam. Brancos iguais, em pele e em fala, aos brancos senhores de Luanda. De início, Armando dava esmolas por obrigação, timidez. Não a podia negar a mendigos que falavam bem e não mereciam tratamento por tu. E, embora compreendendo que os pobres são iguais em todo o mundo, resistia em Armando o reverencial hábito adquirido desde que pusera pé na Europa: dar tostões, dar esmolas a senhores.¹¹⁶

Armando recebia “um mísero conto e trezentos”¹¹⁷. Sabendo, portanto, que não poderia arcar com as despesas de uma hospedagem numa pensão, lançou, então, um anúncio no “Diário de Notícias” – anúncio, aliás, que inspira o título do conto: “estudante universitário precisa de quarto casa particular com ou sem pensão”.¹¹⁸ Recebeu como resposta vinte e quatro cartas, “a maioria com erros de escrita, vossas incelências, ausência de pontuação e rasgados elogios às instalações a locar”¹¹⁹ – detalhe que constitui uma cômica crítica à suposta superioridade e inteligência do colonizador.

Uma das maiores ironias presentes em “Com ou sem pensão” é a referência aos pontos negativos de Lisboa vista por um assimilado. A análise crítica é feita por um colonizado e revela uma Lisboa composta por uma população que passa necessidades, expõe uma sociedade em que há pobres e até mesmo em que há pessoas semi-analfabetas. Essa imagem negativa é complementada pela censura ao elevado custo de vida em Lisboa, feita através da denúncia dos altos preços da eletricidade e água, mostrando uma cidade onde “as rendas são caras, a vida sobe cada vez mais (...)”¹²⁰.

Essa constatação de Armando, baseada no desespero dos proprietários em alugar um dos quartos da casa “porque a vida andava difícil”¹²¹, projeta a imagem de uma metrópole pobre, desmontando, assim, de forma irônica, a idealização em relação à sociedade lisboeta:

¹¹⁶ Ibid. p. 74.

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Ibid.

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ Ibid.

¹²¹ Ibid., p. 76-77.

Na rua, o rescaldo, o balanço da entrevista. *A tipa nunca arrendou quartos. Era a primeira vez, comparada com outras que insistem, baixam o preço, acrescentam pequeno-almoço e um copo de leite ao deitar. A gaja foi ao ponto de oferecer o quarto conjugal. Coitada! Necessita de massa. Qual será a ocupação do marido?(...)*

*O marido deve ser empregado de escritório, fazem uma vida com exigências e para o dinheiro que ganha (...) Se calhar, ela precisa de alugar o quarto para cumprir as prestações do frigorífico ou do televisor. E isto antes de pensar num filho! Como é difícil o casamento para a maioria dos lisboetas. Renda de casa, transportes, alimentação. Ah, e a mobília? Não há duvida, levava a questão a extremos, grande parte desta gente jamais casava. E os filhos? E quando não casam como solucionam as solicitações do amor, do sexo? Bem, eles é fácil. E elas? As que não se entregam a um homem num leito de alguns minutos, numa cama de pensão com os lençóis ainda quentes do casal anterior? Esta vida de Lisboa é tramada! Há gente que hiberna uma vida inteira em pensões. A ver entrar e sair caras novas, a tagarelar com vizinhos de mesa sem nunca os chegar a conhecer.*¹²²

Armando vistoriou as casas, “saboreando, também, a descoberta em que consistia o devassar casas alheias, tecendo adivinhas sobre o oculto dentro das paredes”¹²³. Em todas, observou algo peculiar, analisou as técnicas de negociação e já se reconhecia um perito no assunto. No entanto, a técnica de convencimento para o aluguel de uma das casas, a penúltima, foi bem diferente das demais. Nessa contava-se com a admirável dona da casa e com Lena, a jovem e bela vizinha, para convencer o moço a se tornar o futuro inquilino. Sua experiência não impediu de ser seduzido.

“Armando preocupava-se, mas pouco a pouco, deixou-se arrastar pela conversa desfibrada, sem destino, deslumbrado com o físico da rapariga que traçava as pernas repetidamente, mostrando-se.”¹²⁴ Isso quando não o tratavam como se já fosse “hóspede efetivo”¹²⁵, deixando-o ainda mais envolvido:

Ainda nem sequer tinha visto o quarto, qual o preço, e tratavam-no como hóspede certo, gente da casa. E as duas mulheres atraíam-no. A rapariga porque era provocante, nos olhos verdes, pequeninos, na arrogância dos seios e na longitude arqueada das pernas sempre inquietas. A senhorita pelo que encerrava de mulher já feita.¹²⁶

¹²² Ibid., p. 79-80.

¹²³ Ibid., p. 75.

¹²⁴ Ibid., p. 82.

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ Ibid. p. 83.

Porém, “o quarto não era mau, era péssimo. Uma catacumba escura, úmida, com uma estreita janela ao nível da rua.”¹²⁷. “Insalubre, o pior de todos. Voltaram para a sala, altura própria para discutir o preço. Sim, discutir, porque Armando ia regatear o preço, não pelo tuguório, mas pelos éteres que o enublavam”¹²⁸, circunstância que demonstra a falta de eficiência de Bernardo em relação aos negócios, nas situações que continham atrativos extras.

De todos os quartos que tinha visitado até o momento, esse era o pior, um dos mais caros e, mesmo assim, parecia o mais interessante, já que era “um mundo a explorar. E ele, pronto a reencetar o curso dentro do ritmo de vida sadio, sem aventuras ou desperdícios de tempo, debatia-se dentro da armadilha a que, de certo modo, voluntariamente se subordinara.”¹²⁹

O comentário incoerente de Lisete, dona da casa, para justificar o preço do quarto, refere-se ao modo como certos lisboetas enxergavam a situação dos colonizados em Angola: “Se eu fosse o senhor, e isto com a máxima franqueza, vinha por um mês, sem compromisso, e depois logo se via. E por oitocentos escudos! O que é isso para uma pessoa de África? Lá ganha-se muito dinheiro, eu sei.”¹³⁰. Este comentário possui uma característica irônica, já que a situação dos angolanos era bem diferente da que ela insinua.

As artimanhas usadas por Lisete para convencê-lo a alugar o quarto poderiam ser vistas também como uma situação ambígua, se justificássemos essa tentativa sob o aspecto da inferioridade associado ao colonizado. Convencê-lo a ficar e a pagar muito mais do que o quarto realmente valia poderia ser uma forma de mostrar que enxergava o angolano como alguém ingênuo o suficiente para se deixar levar por seu poder de persuasão.

Mantendo o ritmo das dualidades, a narrativa é cortada por uma lembrança de Bernardo. Ele se recorda de um amigo com um estilo de vida bem contraditório:

(...) reconfortou-se Bernardo, recordando aquele colega de ‘república’, em Coimbra, que, deitado com uma prostituta, permitia-se fazer, enquanto fornicava, longas especulações morais tendo em vista a recuperação da parceira. Um homem não pode ser um asceta, tem de aceder a determinadas regras do jogo que a sociedade impõe. Aceitar determinadas regras, só algumas, não é fazer o jogo

¹²⁷ Ibid. p. 84.

¹²⁸ Ibid., p. 85.

¹²⁹ Ibid., p. 88.

¹³⁰ Ibid., p. 87.

da burguesia. É uma forma de sobrevivência sem loucura. Aliás, o ascetismo é improfícuo, resvala para o paternalismo. E quem bater à porta da dona Lisete não resiste. Não é deitar a perder! (...) ¹³¹

Bernardo busca nessa lembrança uma justificativa para se deixar levar pelos encantos contidos naquela casa. Não seria o primeiro, nem o último, a ter um discurso bem distinto das suas ações. Neste trecho, encontra-se também o tom humorístico, dado pelo fato de o colega tentar convencer as prostitutas, enquanto fazia programas com elas, a largarem aquela vida e se regenerarem perante a sociedade.

O curto orçamento de Armando Bernardo levou-o a encontrar uma alternativa. Já que não poderia ser hóspede efetivo naquela casa, seria um freqüentador assíduo: “Tivesse Armando uma mesada choruda e não hesitaria, conciliando o estudo com os seios, os olhos e as pernas da Lena; com a companhia da dona Lisete (...). As finanças, por ora, satisfaziam vãos reduzidos, tornar-se visita da casa, de preferência à noite.” ¹³²

O último quarto que Armando Bernardo verificou foi rejeitado à primeira vista. Porém, Bernardo foi extremamente desejado pela dona da casa, que não permitiria que ele fosse embora tão rapidamente, não sem antes implorar por sua estadia. Através de um inocente comentário, nos é revelada uma das principais ironias presentes em “Com ou sem pensão”: a estratégia que transforma a ingenuidade em algo preconceituoso, grosseiro, ofensivo:

Logo à primeira olhadela, Armando rejeitou o quarto, impróprio, sem intimidade, separado de outro por um simples cortinado, interior e sem luz.

– O preço?

– Seiscentos escudos.

Para abreviar o falatório confessou não lhe interessar, não só pelas condições mas também pelo preço. Era o último, de nada lhe valia qualquer desculpa, qualquer ‘passo cá depois’.

Pelo rabo do olho, Armando detectava o ar inquisitorial e circunspecto com que era observado, principalmente no cabelo.

– É de África? Gosto tanto de pretinhos! Tenho um filho na Guiné e já lhe pedi que me trouxesse um. ¹³³

¹³¹ Ibid., p. 89.

¹³² Ibid.

¹³³ Ibid., p. 90.

A dona da casa vai demonstrando, aos poucos, a sua ignorância, tecendo comentários que começaram a intrigar Armando, pois ela, ao fazê-los, olhava-o como se estivesse vendo algo incomum, de um exotismo interessante:

Na sala de jantar, após Armando ter expressado o desinteresse, a mulher prostrou-se num singular abatimento. Expirou um ai:

– Quando se tem pouca sorte... (...)

Armando intrigava-se A mulher ora baixava e levantava os olhos como se do céu lhe tivesse caído ave rara, ora se petrificava num olhar distante.

– Tenho tido tão pouca sorte!

Qual o intuito daquela pessoa? Era suspeita a forma como o mirava.¹³⁴

“Mas a que propósito é que vinha à baila a infelicidade, a pouca sorte? E os olhos da mulher a descobrirem em Bernardo o remédio para os seus sofrimentos.”¹³⁵. Qual a relação entre Bernardo e a sorte da dona da casa? Qual a ligação? A situação começa a incomodá-lo e a intrigá-lo. O desespero da mulher ao vê-lo desistir e preparar-se para ir embora é algo que o deixa perplexo, e a justificativa, que compõe também o desfecho do conto, é embaraçosa:

– Tenho pena. Muito obrigado e queira desculpar.

A mão da senhora dava-se rugosa e desmaiada.

– Fique, fique. Peço-lhe por tudo. Só eu sei o azar que me tem perseguido! Faça-lhe trezentos e cinqüenta.

Trezentos e cinqüenta. Era de graça para os preços de Lisboa! A mulher implorava. Por quê? Armando é que não se instalava naquele cubículo, qual a cela prisional, destinado, porventura, de acordo com os planos do construtor, a quarto da criada, e que havia sido transformado em dois por artes de um cortinado. Não, ali não ficava. Aliás, repugnava-lhe pagar menos de quatrocentos escudos, limite de suas possibilidades. Abaixo disso considerava ultrajante, especulativo, pesca de cordas ao pescoço.

– Alugava-lhe, se reunisse outros requisitos. – Evadia-se em palavras, para ela, herméticas. – Assim, com franqueza... não é questão de preço, mais ou menos...

A mulher chorava e dos olhos úmidos, por detrás das lágrimas, escorria a estranheza, o medo em falar, a hesitação. Limpava os olhos ao avental torcido.

– Pronto. Quase de graça. Fique. Trezentos escudos. Tenho tido tanto azar, ao menos uma vez...

– Que raio de ligação há entre mim e o azar dela, quase um mau agouro? (...)

Mas a mulher, soluçando o último pedido, desventrou com ele a verdade da sua boa sina, que se perdia, como estrela cadente desamparada no céu.

– Fique. Fique. Por amor de Deus. Tenho tido tanto azar. Desculpe, não leve a mal... Dizem que um preto dá sorte...¹³⁶

¹³⁴ Ibid., p. 91.

¹³⁵ Ibid., p. 92.

¹³⁶ Ibid. p. 95-96.

Segundo Kabengele Munanga, os brancos, por meio da manipulação de instrumentos de repressão psicológica e outros aspectos mais concretos, reconfiguraram a realidade, transformaram as informações e conseguiram transpor sua suposta superioridade do plano teórico para o plano real:

A desvalorização do negro colonizado não se limitará apenas a esse racismo doutrinário, transparente, congelado em idéias, à primeira vista quase sem paixão. Além da teoria existe a prática, pois o colonialista é um homem de ação que tira partido da experiência. Vive-se o preconceito cotidianamente. (...) Incorporou-se o racismo colonial tão naturalmente aos gestos, às palavras, mesmo as mais banais, que ele parece constituir umas das mais sólidas estruturas da sociedade colonialista.¹³⁷

A ironia, em “Com ou sem pensão”, caracteriza-se pela transformação de comentários permeados de ignorância em ofensa, que revelam o lado preconceituoso da sociedade lisboeta, onde a crítica de Manuel Rui ganha espaço. O personagem desse conto vivenciou uma situação em que foi tratado como um objeto, como um amuleto de sorte. Porém, no desfecho da história, a ignorância da mulher perde o tom inocente e desta vez ela tem noção de que o comentário é ofensivo. A ironia, que antes era a responsável pela transformação da ingenuidade em algo preconceituoso, grosseiro, agora dá lugar à crítica social efetivamente.

¹³⁷ MUNANGA, Kabengele. op. cit., p.20.